



BREVE ANÁLISE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Lóry da Silveira Ribeiro¹
Elisabete da Silveira Ribeiro²

Resumo

O texto a seguir foi construído a partir de estudos para qualificar a prática pedagógica na Sala de Recursos Multifuncional da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A referida escrita busca realizar uma breve análise sobre o Transtorno do Espectro Autista no contexto da educação, assim como provocar novas inquietações e diálogos sobre esta questão, já que, no Brasil, ainda se têm poucas análises registradas em relação a este tema. Transtorno do Espectro Autista prejudica o processo evolutivo da criança, pois limita três áreas essenciais ao seu desenvolvimento global, sendo estas: a interação social, a comunicação e o comportamento (que aparece como repetitivo e estereotipado). Neste artigo tenta-se demonstrar que existem possibilidades para as pessoas que sofrem com o espectro, pois hoje se tem ciência de que podem se destacar nas diferentes áreas, desde que estas sejam do seu interesse.

Palavras-chave: Transtorno Espectro Autista. Educação Especial Inclusiva.

BRIEF ANALYSIS OF SPECTRUM DISORDER AUTISTA IN THE CONTEXT OF SCHOOL EDUCATION

Abstract

The following text was built from studies to qualify the pedagogical practice in Multifunctional Resource Room of the State School Our Lady of Grace, in Pelotas, Rio Grande do Sul. Such writing tries to make a brief analysis of the Spectrum Disorder autism in the context of education, as well as causing new concerns and dialogues on this issue, as in Brazil, still have few analyzes recorded in relation to this issue. Autistic Spectrum Disorder affect the evolutionary process of the child, because it limits three areas essential to their overall development, which are: social interaction, communication and behavior (which appears as repetitive and stereotyped). This article attempts to show that there are possibilities for people who suffer from the spectrum because today is aware that can stand out in different areas, provided that they are of interest.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Special Inclusive Education.

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande.

² Mestre em Educação. Professora Assistente da Universidade Federal do Tocantins.

BREVE ANÁLISIS DE ESPECTRO AUTISTA EN EL MARCO DEL APRENDIZAJE ESCOLAR

Resumen

El siguiente texto fue construido a partir de estudios para calificar la práctica pedagógica en Multifuncional Sala de Recursos de la Escuela Estatal de Nuestra Señora de Gracia, en Pelotas, Rio Grande do Sul. Este trabajo pretende hacer un breve análisis del Trastorno del espectro autista autismo en el contexto de la educación, además de provocar nuevas preocupaciones y diálogos sobre este tema, como en Brasil, todavía tienen pocos análisis registrados en relación con este tema. Trastorno de espectro autista afectan el proceso evolutivo del niño, ya que limita tres áreas esenciales para su desarrollo integral, que son: la interacción social, la comunicación y el comportamiento (que aparece como repetitivo y estereotipado). En este artículo se intenta mostrar que hay posibilidades de las personas que sufren de espectro porque hoy es consciente de que puede destacarse en diferentes áreas, siempre que sean de interés.

Palabras-clave: Trastorno del espectro autista, Educación Especial inclusión.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma breve análise do Transtorno do Espectro Autista, tangenciando o contexto da educação escolar. O TEA tem desestabilizado tanto pais quanto professores na incessante busca de tornar a pessoa que tem este transtorno mais autônomo e feliz. Nesta escrita apresenta-se algumas características da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como as possibilidades desta na educação escolar e na sociedade.

Atualmente tem-se buscado estudos sobre o assunto que sempre interessou-nos. Entretanto, o interesse virou desafio de urgência a partir da entrada de uma menina na escola em que se trabalhava, já que se precisava compreendê-la, potencializar o seu desenvolvimento e promover sua autonomia. Pensa-se que este é um momento rico, pois várias portas já estão abrindo, assim pais, professores e pessoas com Transtorno do Espectro Autista não estão mais sozinhos nessa busca.

Os estudos mais detalhados sobre o TEA não são muito difundidos no Brasil ainda, apesar da luta de várias organizações, principalmente de pais, na tentativa de oferecer uma educação de melhor qualidade aos seus filhos. Não tem sido um trabalho fácil, já que requer paciência, compreensão, e um grande nível de tolerância à frustração. Sendo que, este espectro causa uma tríplice limitação nas interações sociais, na comunicação verbal e não verbal e na variabilidade de comportamentos, o que no começo é bem difícil de lidar, principalmente, quando não se tem conhecimento prévio sobre o transtorno.

Muitos estudantes com espectro autista chegam à escola precisando aprender atividades de vida diária e, é isto que deverão aprender primeiro. Assim, é necessário também o estabelecimento de metas com cada um destes estudantes, pois não podemos esperar que

eles tenham o mesmo desempenho da turma em geral e nem que sejam iguais entre si, pois cada um tem suas possibilidades, limitações, gostos, preferências e personalidade.

São muitos os desafios. Tantos desafios, quantos lugares que ainda fecham as portas para estas pessoas e isto é passível de denúncia, de repúdio.

DESENVOLVIMENTO

Com a evolução da legislação cada vez é mais comum chegarem crianças e/ou adolescentes com Transtorno do Espectro Autista nas escolas. Isto faz com que aconteça um movimento no sentido de buscar formas de melhor atendê-los no âmbito educacional, para tanto se precisa ir além e descobrir peculiaridades inerentes a este tipo de transtorno.

Pela ampla variação que existe em torno das pessoas com TEA é que este termo surgiu e tem sido mais aceito e utilizado ultimamente, mesmo assim, hoje alguns cientistas norte-americanos já vão além desta terminologia e falam em autismos, justamente porque existem muitas semelhanças, mas também muitas diferenças que variam de ambiente social, cultural, de personalidade, enfim aspectos que compõe a pessoa que tem o transtorno, que é constituída de uma complexa totalidade de aspectos. Para Pontes (2010)

Os transtornos do espectro autista são considerados modernamente como um conjunto heterogêneo de síndromes clínicas, tendo em comum à tríade de comprometimentos da interação social recíproca, comunicação verbal e não verbal e comportamentos repetitivos e estereotipados, variando num continuum, desde as formas mais graves até as mais leves.

Outra constatação interessante é de que o Transtorno do Espectro Autista prevalece no sexo masculino. Conforme Kajihara (2011) “O autismo é três vezes mais comum nos homens que nas mulheres”.

A primeira pessoa a estudar sobre o autismo foi Leo Kanner, no ano de 1943, quase simultâneo com Kanner, conforme Vila, Diogo E Siqueira (2009)

O psiquiatra austríaco Hans Asperger tornou pública sua tese de doutoramento sobre psicopatía autista da infância. No entanto, só nos anos de 1990 é que o seu trabalho se torna internacionalmente reconhecido, passando a Síndrome de Asperger a constar pela primeira vez no ‘Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais’, na sua quarta edição, em 1994 (DSM – IV).

Até a década de 1960, acreditava-se que o autista não tinha o desejo de se comunicar com as outras pessoas. Segundo o site AMA, Associação de Amigos do Autista (2011), “a palavra autismo, constava apenas do vocabulário de alguns psicólogos e psiquiatras, e ainda assim só os especializados”.

As pessoas que não possuem o transtorno costumam nivelar as emoções, por exemplo, se estão felizes e encontram uma pessoa triste, não transparecem tanto a felicidade e se estão tristes e encontram uma pessoa feliz, procuram esconder um pouco a tristeza, o que geralmente não acontece com sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, pois eles podem não ter esse controle das emoções.

Pessoas com TEA apresentam limitações nas regulações do sistema endócrino, do sistema nervoso autônomo e dos processos motivacionais como sede, fome e sexo e ainda de memorização e de aprendizagem, por serem funções do tronco cerebral, região atingida pelo transtorno. As disfunções cerebrais vão fazer com que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista tenha problemas de postura, comportamento estereotipado e repetitivo.

No Autismo clássico existe um déficit acentuado de desenvolvimento, já no Asperger verifica-se dificuldade de interação e de compreensão das regras sociais, porém com bom desempenho em determinadas áreas e uma memória excelente.

Características do Espectro de Transtorno Autista

Pessoas com este transtorno podem ter dificuldades em compreender o propósito da comunicação, raramente iniciam um diálogo com quem estão conhecendo, podem não ter ou não demonstrar compartilhar interesses com os outros, ter atraso ou dificuldade na aprendizagem da fala, fazer uso inadequado ou limitado de gestos, expressões faciais ou linguagem corporal, não utilizar contato visual ou fazê-lo de forma bem reduzida, ter um vocabulário e falar fluentemente sem que isso se transforme em comunicação eficaz, ou ainda, podem falar indiretamente para a pessoa ao invés de falar com esta. É importante lembrar que não é fácil fazer diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e que este só poderá ser realizado por neurologistas e psiquiatras.

Na avaliação é necessário conhecer para compreender. Desse modo, o mais importante de tudo é a observação e o registro para conhecer as melhores formas de lidar com cada um. Deve-se ficar atento aos bebês e as suas interações com o meio, tentando verificar se eles mostram-se indiferentes às pessoas e objetos ou demonstram medo aparente, se tem problemas com sono e alimentação, se nunca choram ou se choram frequentemente sem motivo perceptível, se fazem movimentos repetitivos, se não participam de jogos sociais e de faz-de-conta, se demonstram estereotípias e/ou dificuldades de interagir com outras crianças e se não conseguem utilizar brinquedos de forma adequada.

Muitas vezes é difícil para a família perceber, pois algumas crianças mostram-se saudáveis e comunicativas até sete/oito meses, quando começam a apresentarem-se apáticas e

com perda de comunicação. O convívio familiar e o conhecimento das características e modo de condução da criança facilitam muito o trabalho.

Pode apresentar comportamento hiperativo, opositivo, negar-se a aceitar ordens, não utilizar brinquedos para brincar, andar na ponta dos pés, interessar-se demasiadamente por alguns objetos, podendo ficar durante horas a observá-los, enfileirando-os, demonstrar muita sensibilidade a alguns sons e texturas e, realizar movimentos estranhos e repetitivos. A presença de quaisquer destes sinais levam-nos a suspeitar de TEA e imediatamente deve-se encaminhar essa criança para avaliação neurológica e psiquiátrica.

Temple Grandin que tem o transtorno do autismo e é doutora em veterinária, assim como grande estudiosa do mundo autista revela em entrevista a revista *Autismo* (2012) que

Muitos indivíduos de baixa funcionalidade apresentam severa desorganização sensorial. Eles podem não ser capazes de tolerar um restaurante ou loja barulhentos. Alguns indivíduos são sensíveis ao som e outros conseguem ver a intermitência de luzes fluorescentes. Hiper estimulação causa dor e isto pode levar a crises.

O exposto pela Dr^a Temple evidencia a importância da observação e do respeito às peculiaridades dos sujeitos. Deve-se levar em conta que até mesmo o timbre da voz de alguém pode desencadear uma desorganização na pessoa com TEA, assim algumas situações devem ser evitadas e outras ensinadas com paciência e perseverança, para minimizar o sofrimento de quem tem o transtorno.

A família que tem alguém diagnosticado com TEA, sofre muitos preconceitos e traz muita ansiedade consigo.

Na reportagem “Com o autismo dentro de casa”, o casal Luciane e Eliseu, tiveram filhos gêmeos prematuros, sendo um deles diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista, conforme a mãe, Luciane, apesar de ver o filho com um desenvolvimento melhor a partir de atendimento especializado, ela precisa de ajuda “Sempre enfrentei todos os desafios, com paciência e força, mas tenho crises de dor no peito, estresse, cansaço e problemas gástricos”, diz. Esta situação que nos conta Luciane é recorrente nas famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Mesmo tendo passado tanto tempo da descoberta do transtorno, os preconceitos e a falta de atendimento adequado ainda são uma situação constante na vida de quem sofre de TEA, assim como de seus familiares. No entanto, estas situações têm servido de estímulo para que pais, amigos, estudantes e pessoas com o transtorno se unam na intenção de desmistificá-lo, assim como pela luta para criar novos espaços para essas pessoas. Uma prova concreta

disto é a aprovação da Lei 12.764/2012 que traz como pano de fundo a garantia de políticas públicas para o atendimento adequado aos sujeitos com o transtorno, desde o direito ao diagnóstico precoce na rede de saúde pública até o seu encaminhamento para centros que atendam às suas necessidades, para contribuir no desenvolvimento global do sujeito.

No entanto a pior barreira continua sendo o preconceito, a jornalista Adriana Czelusniak (2010), postou uma experiência que vivenciou em São Paulo, ao se reunir com outras jornalistas que comentavam que não tinham filhos, de quem ouviu os seguintes comentários: “Uma amiga diz que ter cachorro é igual ter um filho ‘autista’, porque você tem que passar a vida inteira dando banho, dando comida...”. “Credo, menina!”, interrompeu outra. “Ter cachorro é muito melhor do que ter filho ‘autista’, né? Imagina...”. Adriana ficou sem ação diante de tanto preconceito e, preferiu se retirar. Postando o seguinte comentário:

Imagino que a expressão “boquiaberta” seja pouco para descrever minha reação naquele momento. Em segundos, lembrei de toda a vida do meu filho de quase 5 anos. Toda a felicidade, satisfação e realização que ele trouxe para minha vida e o quanto ele é feliz, amado e admirado por todos que o conhecem. Ele tem autismo, mas não é possível imaginar que alguém trocaria sua companhia (ou existência!) pela de um cachorro – com o perdão da ironia –, por mais perfumado e limpinho que seja. Com os pensamentos de volta à mesa, eu ponderei se devia falar alguma coisa, mas preferi me poupar de um constrangimento maior, pedi licença e me retirei. Eu já sabia que o autismo não escolhe tom de pele, classe socioeconômica ou grau de escolaridade. Naquela noite, descobri que a ignorância e a insensibilidade também não o fazem.

Fonte: Gazeta do Povo, 2010.

É fácil notar que a falta de informação juntamente com os preconceitos são extremamente perniciosos tanto ao sujeito que tem o transtorno quanto aos seus familiares.

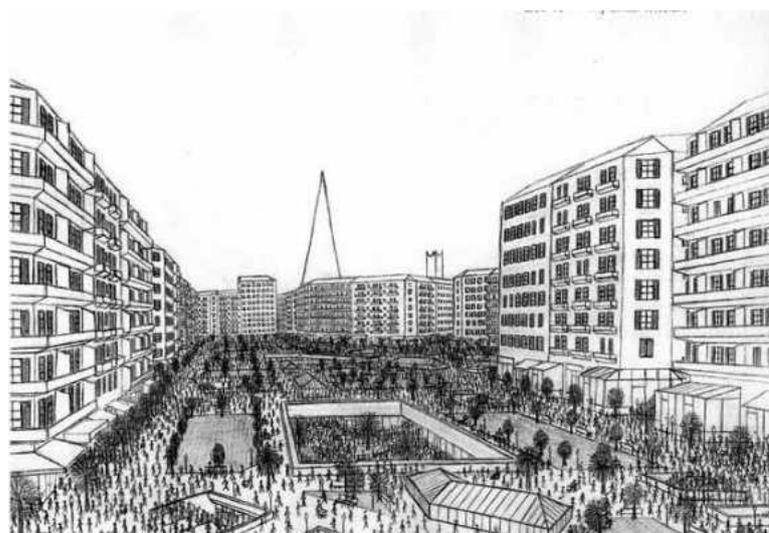
Segundo Mori e Candido (2007) as características mais apontadas pelos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista são

A falta de interação social; o bebê autista pode apresentar indiferença ou aversão a aconchego ou contato físico, falta de contato visual direto e de respostas ou expressões faciais. Muitas crianças não respondem a voz dos pais e, por isto, frequentemente a surdez é uma das primeiras possibilidades a ser investigada.

O sujeito com Transtorno do Espectro Autista pode ter prejuízo total ou parcial da fala. Quando fala pode ser que essa fala venha estereotipada, monótona, com timbre, entonação e ritmos que fogem da normalidade, com frases repetidas e fora do contexto da conversa ou ainda com perguntas ao final das frases. Necessita manter rotinas, tanto de organização de objetos quanto de atividades. Mostrando resistência a mudanças.

A imaginação e a compreensão social no Espectro Autista também são variáveis, mas deficitárias. Podemos encontrar sujeitos com ausência total de imitação e de faz-de-conta, outros que fazem imitação mecânica sem a compreensão do que isto significa, outros utilizam representação repetitiva e estereotipada, reconhecem os sentimentos dos outros, no entanto num baixo nível intelectual, sem compreender as emoções.

Alguns autistas apresentam o que se chama de ilhas de habilidades, ou seja, habilidades acima do considerado normal em algumas áreas.



Desenho detalhado de uma cidade criado por Gilles Trehin, que é famoso por suas produções de cidades imaginárias.³

Trabalhando-se na Feira do Livro da cidade do Rio Grande, percebeu-se que Pedro⁴ construía uma torre de blocos muito alta. Chamava à atenção a habilidade do menino de uns cinco anos de idade, pois nenhuma outra criança conseguia tal feito. Ao falar com a mãe do menino esta revela que ele tem Transtorno do Espectro Autista e que costuma fazer torres cada vez mais altas, conta ainda que apenas pede ajuda quando não consegue concluir esta atividade, mas que não conseguir o deixa muito irritado. Este fato ratifica a potencialidade do sujeito com TEA.

Transtorno do Espectro Autista e a Escola

Para Mori (2011) as solicitações feitas aos estudantes com Asperger devem ser claras e objetivas, pois eles não entendem metáforas, assim segundo a autora muitas vezes ficam perdidos quando estas são apresentadas como forma de explicação de determinado conteúdo e, isto nem sempre percebido por quem está falando.

³ Fonte: <http://forumdoar.blogspot.com.br/2012/02/autista-passou-20-anos-desenhando-uma.html>

⁴ Nome fictício

Ou seja, a percepção das situações é bem concreta. A inserção no faz de conta, por exemplo, pode ser bastante complexa, pois o sujeito com Asperger não tende a fantasiar, assim muitas brincadeiras que são propostas para outras crianças e que elas apreciam muito, como jogos e dramatizações, as quais criam situações que o estudante não consegue vivenciar concreta e objetivamente, para o autista não tem sentido. O que pode ser, inclusive, sofrido para este. Porém, isto não quer dizer que não se proponham situações que aos poucos vão desenvolvendo a criação da fantasia, tão importante no mundo infantil. Mas, esta inserção deve ser cuidadosa e amável para que o estudante se sinta tranquilo e confiante no ambiente escolar.

Ratifica-se a necessidade de conhecer o estudante que chega à escola e buscar uma aproximação da família para conhecer suas linguagens, suas rotinas, suas formas de convívio, enfim, conhecer suas formas de interação, para então elaborar um planejamento de ação educativa que realmente promova o seu desenvolvimento.

Faz-se necessário compreender como processam o conhecimento, lembrando que tem baixa capacidade de generalização, necessidade de previsibilidade e de forte estruturação, geralmente, aprendem mais vendo do que ouvindo, apresentam dificuldade de compreensão de conceitos abstratos e do ponto de vista do outro.

Isto é uma característica que também pode ser evidenciada na escola e frequentemente essa criança ou adolescente pode ser visto indisciplinado e até mesmo punido por situações que não estão ao alcance de seu domínio emocional.

Enfatiza-se que uma das piores barreiras é a falta de conhecimento dos docentes em relação ao TEA. Isso gera mal estar e muitas vezes negação de atendimento, com as mais diversas desculpas para esta negativa.

É muito comum vermos a saga dos pais procurando uma vaga para o filho(a) com Transtorno do Espectro Autista para que este possa ser realmente inserido no contexto da escola, algumas delicadamente “explicam” que não têm condições de aceitar uma criança com tais limitações, outras acolhem, mas não buscam incluir realmente e, felizmente outras aceitam a situação de ter um(a) autista como aluno(a) como desafio e buscam atender da melhor forma possível. No entanto, estas escolas são poucas e inúmeras vezes são difíceis de serem encontradas.

Pensando nas peculiaridades das crianças com Transtorno do Espectro Autista, percebe-se a necessidade de que professores das escolas em que essas crianças estão e/ou vão estar inseridas conheçam um pouco mais sobre o assunto. Estes estudantes em potencial

podem apresentar alguns limites, mas também tem muitas possibilidades que devem ser levados em conta na hora de fazer o planejamento tanto na sala de atendimento educacional especializado (AEE) quanto na sala de aula regular.

Para dar conta de um atendimento adequado o professor, bem como a escola, deve trabalhar com um currículo flexível em que o estudante com Transtorno do Espectro Autista possa ter promoções ao invés de acumular fracassos. Para tanto, são necessárias adaptações e acordos nas diferentes áreas. E o mais importante é que a escola acredite que pode contribuir no desenvolvimento desse sujeito.

Para que o currículo seja adaptado ao atendimento das necessidades desses educandos é necessário lançar mão de recursos necessários que visem uma maior participação do estudante, muitas vezes inclusive com materiais individuais, flexibilizações metodológicas para que ele chegue mais rapidamente à compreensão, cuidados na apresentação do conteúdo, o qual, via de regra, deve ser exposto de maneira mais diretiva, pois o sujeito com TEA pode perder-se em enunciados muito longos, cuidados com o tempo de aprendizagem, considerando-se que ele pode ser mais demorado ou mais rápido que os seus colegas para aprender e, por fim a avaliação deve ser de acordo com o planejamento de metas individuais.

Sabe-se que estas adaptações nem sempre ocorrem nas escolas, por exemplo, no que diz respeito aos recursos necessários a inserção, permanência e sucesso de estudantes com TEA e, também a capacitação de profissionais. Sabe-se que muitos profissionais buscam esta formação, mas nem sempre as entidades gestoras os oferecem ou possibilitam. Entretanto, no que diz respeito às adaptações de objetivos, metodologias, didática e temporalidade, todas as escolas empenhadas na educação especial inclusiva podem e devem ser flexíveis e mesmo realizar a formação dentro da escola.

Camargo et al. (2011) indica alguns procedimentos que podem potencializar a educação de estudantes com TEA, são eles:

incentivar a participação em atividades coletivas, estimular a comunicação por meio da linguagem oral; buscar respeitar a necessidade de rotina que o deixem em situação mais confortável; buscar o contato visual, favorecendo a interação e o estabelecimento de vínculos; estimular o contato físico; reprimir comportamentos auto e hetero agressivos quando ocorrerem; propiciar atividades que envolvam elementos do mundo ao seu redor; incluir músicas; utilizar atividades que envolvam o desenho de seu corpo (contornos e preenchimento posterior);

Os procedimentos indicados acima podem perfeitamente ser apresentados a todos os estudantes com ou sem Transtorno do Espectro Autista, pois qualificam o desenvolvimento de todos.

O atendimento pedagógico de pessoas com TEA requer uma boa estrutura e, a sua orientação não deve ser voltada somente a escola, mas a melhoria da sua qualidade de convívio social, facilitando assim a vida deste estudante na escola, na família, assim como na sociedade em geral.

Este é um aspecto bem complexo de reflexão na escola, pois muitos docentes ainda não conseguem perceber que os objetivos da educação de estudantes com transtorno nem sempre serão os mesmos da turma em que está inserido, assim as metas para estudantes com TEA devem ser traçadas de acordo com suas habilidades, buscando potencializá-las para, a partir destas, superar os limites que se apresentam, sem que se exija de forma inflexível que atinjam objetivos que ainda não estão preparados para atingir ou limitá-los a tarefas que já não tem mais sentido para eles.

Desse modo, o olhar do professor e da escola como um todo é muito importante na evolução deste sujeito. Sem que se deixe de apostar na superação de limites por parte do estudante, mas que esse avanço venha conforme as suas possibilidades para que não se criem barreiras ainda maiores.

A Dr^a Temple (2012), dedicada veterinária e professora, que revolucionou as teorias de bem estar animal enfatiza a importância de bons professores para impulsionar as possibilidades dos sujeitos com autismo. Para ela, em sua vida escolar, um professor fez toda a diferença, o Sr. Carlock, que percebendo suas habilidades com os animais, a incentivou à pesquisa, segundo a autora esta foi a mola propulsora para que se interessasse por estudar, pois até então, sofrendo muitas chacotas na escola, “não via sentido em estudar.” Este é um exemplo a ser seguido, buscar descobrir as habilidades e possibilitar que estas sejam focadas pelos sujeitos com TEA, para que assim possam se desenvolver como um todo.

É imprescindível analisar o comportamento das crianças em diversos espaços para compreender como se apresentam. Ou seja, não é possível entender fatos isolados, é necessário, portanto, ponderar as situações anteriores aos fatos, assim como os procedimentos que geram as situações posteriores. E, só com muita observação e registros bem solidificados é que se pode chegar a compreender, por exemplo, crises de choro ou de raiva que possam acometer o estudante com Transtorno do Espectro Autista.

A partir dessa análise consegue-se estabelecer maior parceria com a família, adaptações de recursos e de atividades pedagógicas que potencializem a aprendizagem do estudante. A escola precisa se organizar para possibilitar a inserção, permanência e sucesso do sujeito com TEA fortalecendo redes com diálogo frequente entre a equipe de professores, familiares e os demais profissionais que atuam junto ao estudante, além do trabalho mais objetivo em sala de aula.

Percebe-se que o trabalho pedagógico com pessoas com TEA necessita de constante observação e registro, pois cada um dos estudantes que estão nas escolas em que se trabalha dão pistas diárias de maneiras de potencializar sua educação, precisa-se então ficar atentos, já que o que funciona muito bem em determinada circunstância não funciona em outra aparentemente igual, pois cada sujeito é único e por isso reage de maneira singular.

4 CONCLUSÃO

Um caminho tão importante quanto pouco descoberto ainda pelo tanto que se tem para caminhar não pode encerrar-se com uma conclusão de um pequeno artigo. As pesquisas sobre Transtorno do Espectro Autista ainda são poucas para o volume de ansiedade que se tem.

É preciso retomar a tríade de déficits de quem tem Transtorno do Espectro Autista, lembra-se que apresentam prejuízos no desenvolvimento de interações sociais, no desenvolvimento da comunicação, não só no que diz respeito a fala, mas a gestos, expressões, postura, enfim a qualquer jeito de comunicar-se e limitação na variabilidade de comportamentos.

Assim, muitas vezes os pais pensam que o seu filho bebê está se comunicando e ele está apenas repetindo um som que para ele não tem sentido algum. Outro dia uma mãe de um menino com Transtorno do Espectro Autista contou-nos que ele aprendeu a dizer água e, que diz água o dia inteiro. Ele sabe pegar um copo com água para tomar quando está com sede, mas independente disso ele diz água o tempo todo, ou seja, nessa fala não existe uma comunicação apenas à repetição de um som. Portanto, a fala nem sempre tem sentido para estes sujeitos.

Determinados sons podem ser insuportáveis aos ouvidos da pessoa com este transtorno. Assim, festas muitas vezes causam muito sofrimento. Não raro colocam as mãos nos ouvidos, gritam ou choram.

O olhar da pessoa com o transtorno não se mantém fixo, devendo ser sempre chamado a olhar para conseguir estabelecer uma relação e trabalhar o seu desenvolvimento.

As mães de filhos com o espectro relatam que desde bebezinhos não as olhavam nos olhos. Apresentavam sempre um olhar perdido.

Em consequência disto a convivência com irmãos, demais familiares e até com amigos da família pode ser muito difícil, pois estes não sabem como lidar com a criança, alguns acreditam ser apenas questão de indisciplina. Muitas pessoas acabam afastando-se de famílias com este tipo de situação, o que não colabora em nada, pelo contrário cria mais isolamento e dificuldade de inserção social.

Estas questões antes colocadas deverão ser trabalhadas na escola, em casa ou em qualquer grupo social que a pessoa conviva de preferência desde criança, para que consiga superar ao máximo estes limites.

Reconhece-se que nos últimos anos tem-se avançado bastante nesta discussão, inclusive o Congresso Nacional promoveu este diálogo que culminou com a Lei de proteção dos direitos das pessoas com TEA, já citada anteriormente.

Isto é um avanço real, já que há pouco tempo as famílias ficavam jogadas a própria sorte, sem saber como encaminhar seus filhos. As crianças com espectro autista eram rejeitadas na escola. Hoje a realidade está mudando. Sabe-se que estas pessoas podem se desenvolver constantemente, mesmo aqueles que apresentam déficits cognitivos, no convívio com pessoas de mesma faixa etária.

Mas, o preconceito ainda é grande e é contra isto que a luta precisa acontecer neste momento, pois o mundo é muito complicado para o sujeito com TEA e se este não tiver alguém que possa lhe auxiliar a compreendê-lo, ele fica cada vez mais isolado.

O mais importante neste processo é conhecer, para compreender e agir. É necessário ver as crianças, os adolescentes e os adultos com TEA como pessoas em primeiro lugar, para então estar imbuídos de esperança de que através das potencialidades que estes sujeitos apresentam podem conquistar outras habilidades que ainda não se apresentam.

E é com esse espírito de quem acredita no ser humano que se encerra esta escrita, desejando que ela possa ser útil a outras pessoas e que minimamente possa instigar a novas discussões sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA. *Página do AMA*, São Paulo, 2010 Disponível em: <<http://www.ama.org.br/site/pt/historia.html>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

BRASIL *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEEESP, 2007.

CAMARGO, Janira Siqueira et al. *Transtornos Globais do Desenvolvimento: Autismo e Espectros*. Maringá, PR: UEM, 2011.

CZELUSNIAK, Adriana. *Com o autismo dentro de casa. Vida e Cidadania*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=988880>>. Acesso em 21 jul. 2015

GRANDIN, Temple. Entrevista exclusiva in: *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-3/temple-grandin-fala-em-entrevista-exclusiva-para-a-revista-autismo>>. Acesso em: 23 jul. 2015

<<http://forumdoar.blogspot.com.br/2012/02/autista-passou-20-anos-desenhando-uma.html>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

KAJIHARA, Olinda Teruko. In.: CAMARGO, Janira Siqueira et al. *Transtornos Globais do Desenvolvimento: Autismo e Espectros*. Maringá, PR: UEM, 2011.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. *Metodologia da Pesquisa*. Maringá, PR:UEM, 2011.

_____; CANDIDO, Gislaine Andreto. Autismo e Atendimento Educacional: o método TEACCH. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. *Infância e Práticas Educativas*. Maringá: Eduem, 2007.

PIRES, Simone Ari e o Protocolo Dan. *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/ari-e-protocolo-dan>>. Acesso em 27 jul. 2015.

VIEIRA, Carolina. *Intervenção Comportamental com Pessoas com Desenvolvimento Atípico*. São Paulo: Gradual, 2011.

VILA, Carlos, DIOGO, Sandra, SIQUEIRA, Sara. *Autismo e Síndrome de Asperger*. Portimão, Portugal: Psicologia.com.pt, 2009.